



A CONTRIBUIÇÃO DO PENSAMENTO DE ENGELS PARA UMA GEOGRAFIA DA SAÚDE CRÍTICA E LIBERTÁRIA

Ricardo Antonio Santos da Silva

Discente do Curso de Geografia da Universidade Federal de Juiz de Fora MG

Francisco de Assis Penteado Mazetto

franciscomazetto@hotmail.com

Professor Associado do Departamento de Geociências
Universidade Federal de Juiz de Fora MG

INTRODUÇÃO

O Pensamento Crítico do Jovem Engels se dá numa época onde os estudos da Geografia Médica, até então assim denominada voltavam-se para o interesse do capitalismo industrial. O expansionismo colonial foi objeto de estudos de geógrafos, sendo que os trabalhos de Humboldt, Petermann, Ratzel e outros que preconizavam mapear as doenças, especialmente as infecciosas, serviram para melhor conhecer e controlar os territórios conquistados. No auge do imperialismo europeu e norte-americano do século XIX, surge o que chamamos de “**Geografia Médica do Poder**”, ainda sobre a égide do pensamento positivista-determinista e atrelada aos interesses geopolíticos estratégicos de seus Estados, agentes internacionais dos interesses das burguesias nacionais.

Embora Engels não fosse geógrafo, seu relato sobre a situação da classe trabalhadora na Inglaterra constitui um verdadeiro tratado de Geografia da Saúde, ímpar em sua época e que foi muito além do mapeamento e descrições superficiais do doutor Snow. Sua abordagem ampliada da concepção de saúde nos remete ao conhecimento histórico, político, social e ambiental no processo de Revolução Industrial no país, especialmente na primeira metade do século XIX.

As relações antagônicas entre Capital e Trabalho produzidas pela transformação da manufatura em maquinofatura levou, segundo Engels (1842), às mais variadas situações de degradação humana. A jornada de trabalho semi-escrava imposta aos homens, mulheres e crianças nos distritos industriais, a degradação ambiental e a segregação sócio-espacial gerada pelo inchaço das cidades deram forma e cor às mazelas sociais provocadas pelo desenvolvimento do capitalismo provocando inúmeros surtos de doenças como cólera, inanição, febre tifo, tuberculose, etc.

Os relatos sobre as condições de saúde da classe trabalhadora na Inglaterra foram negligenciados por muito tempo dentro da academia. Esta questão central motivou investigar a contribuição do pensamento de Engels para uma Geografia da Saúde crítica e libertária, desvinculada da descrição neutra dos fenômenos sociais. No decorrer do texto serão destacados alguns trechos de sua obra, estabelecendo relações com obras de outros pensadores críticos e radicais, no intuito de demonstrar a atualidade de sua abordagem.

A GEOGRAFIA DA SAÚDE DOS LIBERTÁRIOS

Enquanto os estudos da Geografia Médica no século XIX estavam voltados para decifrar os agentes causais das doenças tropicais, como explicitado em Mazetto (2007), geógrafos militantes da chamada geografia crítica, indagavam sobre a postura “civilizatória”, ou “higienizadora” dos países colonizadores, esses por sua vez propagadores da Eugenia.

Kropotkin, geógrafo anarquista anti-colonialista acreditava na sociedade como uma comunidade universal e que a geografia dever-se-ia contribuir para o desenvolvimento geral da humanidade, identificando a importância da geografia crítica para a promoção da saúde. Em seu artigo “*O que a Geografia deve ser*”, traduzido pelo professor José Willian Vicentini da USP retrata as condições insalubres causada pelo vício e os maus hábitos dos colonizadores:

“Quando um político francês¹ proclamava recentemente que a missão dos europeus é civilizar essas raças – ou seja, com baionetas e matanças (genocídios) – não fazia mais do que elevar à categoria de teoria esses mesmos fatos que os europeus estão praticando diariamente (notadamente na África e na Ásia, no final do século XIX). E não poderia ser de outra maneira, pois desde a tenra infância inculca-se o desprezo pelos “selvagens”, ensina-se a considerar como se fossem verdadeiros crimes determinados hábitos e costumes dos “pagãos”, ao tratar as “raças inferiores” como são chamadas, como se fossem um verdadeiro câncer que só deve se tolerado enquanto o dinheiro ainda não penetrou. Até agora os europeus têm “civilizado os selvagens” com Whisky, tabaco e seqüestros; os têm inoculado com seus vícios; os têm escravizado. Porém, é chegado o momento em que nós devemos considerar obrigados a oferecer-lhes algo melhor – isto é, o conhecimento das forças da natureza, a ciência moderna, a forma de utilizar o conhecimento científico para construir um mundo melhor.” (KROPOTKIN, 1986, p.4).

Elisée Reclus, geógrafo também anarquista e precursor da geografia crítica, questionou impiedosamente a conduta dos países imperialistas, defendendo que a divisão do Mundo em colônias de exploração e povoamento levaria a humanidade a mais degradante condição de saúde. Para ele, o contato das ditas “civilizações de poder forte” com “o resto do mundo” produzia situações insalubres e complexas:

“(…) Vive a sociedade em tal desordem que, apesar da boa vontade de muitos homens generosos, o pobre que sofre de fome corre risco de morrer na rua, e o estrangeiro pode se encontrar só, sem um único amigo numa cidade onde os pretensos irmãos vivem aos milhares? Não é sobre o vulcão e no vulcão que estamos vivendo (...)”. (RECLUS, 2002, p.54)

Vale ressaltar também sua descrição contundente ao falar do massacre social causado pelo governo Britânico na Índia, que ao condenar alguns rituais como o *Sutti*², no intuito de acabar com práticas ditas como selvagens e insalubres, promovia tantas outras misérias e períodos de fome, através de impostos opressivos e das guerras, *enchendo as estradas com seus cadáveres* como salienta Reclus (2002).

Embora o pensamento de Engels enveredado pelo marxismo veio a se opor vigorosamente ao pensamento anarquista, através das disputas ideológicas no seio da *Associação Internacional dos Trabalhadores em 1864*³, a preocupação com as relações sociais antagônicas que produziam condições também antagônicas de saúde e qualidade de vida, era uma preocupação evidente nas diferentes influências ideológicas, trazendo-nos já na época um olhar sobre o sentido ampliado da palavra “saúde”, ou seja, o da organização social.

ENGELS E A MORTALIDADE INFANTIL

A situação caótica de saúde da classe trabalhadora causada pela condição precária de vida nos dava uma taxa de mortalidade que excedia os limites humanos da aceitação. O relatório oficial “*Parliamentary Papers*”, 1831 – 32 vol. 15, nº. 706, extraído da obra de Engels (1842) mostra um quadro com o número de pessoas

mortas numa amostra de 10000, nos principais distritos industriais do país. Um exemplo clássico é a cidade de Leeds, com o percentual de 52,8% de mortes de crianças com até 5 anos e 12,2% de pessoas com idade entre 20 e 39 anos. A grande vilã deste período foi a epidemia de Cólera, seguida da Tuberculose e da Febre Tifo.

Como demonstra a tabela a seguir, o impacto do capitalismo industrial sobre a mortalidade foi muito forte. As cidades de economia rural como Rutland apresentavam praticamente a metade do índice de mortalidade infantil das cidades capitalistas industriais como Carlisle e Leeds. Isso desconstrói do mito de que a industrialização por si só, trouxe progresso no quadro social na I Revolução Industrial. Muito pelo contrário, o nível de exploração da mão-de-obra foi grandemente aumentado no modo de produção capitalista, resultando de imediato em súbita elevação das taxas que já eram muito altas se comparadas ao padrão atual. As cidades industriais eram desprovidas de saneamento básico, as famílias operárias moravam e se alimentavam mal, recebendo um salário miserável, quando não inexistente depois dos descontos do aluguel e provisões.

Tabela 1

Mortalidade em algumas cidades inglesas em 1844

Mortalidade (por 10.000 habitantes)	< de 5 a	5 a 19 a	20 a 39
Condado de Rutland, distrito rural salubre	2.865	891	1.275
Cidade de Carlisle, antes do surgimento de fábricas (779-1787)	4.408	911	1.006
Cidade de Carlisle, depois da instalação de fábricas	4.738	930	1.261
Preston, cidade industrial	4.947	1.136	1.379
Leeds, cidade industrial	5.286	927	1.228

(adaptado de Engels, p. 146)

ENGELS, A SEGREGAÇÃO ESPACIAL E A DEGRADAÇÃO AMBIENTAL

O adensamento populacional das cidades provocado pelo êxodo rural advindo principalmente da Irlanda e fruto da desnudação do trabalhador-artífice em relação à produção maquinofatureira, causou o que se usa em termos geográficos, de *macrocefalia urbana*⁴, uma condição em que as necessidades básicas, como saneamento básico, habitação, educação e o acesso à saúde ficavam praticamente impossíveis, a não ser que o trabalhador pagasse um altíssimo valor para isso. A descrição da região de Manchester feita por Engels ilustra essa menção:

“(…) Manchester como Ardwick, Choriton ou Hulme. O sítio mais horrendo (se eu falasse em pormenor de todos os blocos de imóveis, separadamente, nunca mais acabava) fica do lado de Manchester, a sudoeste de Oxford Road e chama-se Pequena Irlanda (Little Ireland). Numa depressão de terreno bastante funda, numa curva do Medlock, e cercada pelos quatro lados por grandes fábricas e margens altas cobertas de casas ou aterros, estão cerca de 200 casas repartidas em dois grupos, sendo cerca de 4000 pessoas, quase todas irlandesas. As casas são velhas, sujas e do tipo mais pequeno: as ruas são desiguais e cheias de saliências, em parte sem pavimento nem canais de escoamento; por todo lado há uma quantidade considerável de imundícies, detritos e lama nauseabunda entre os charcos estagnados; atmosfera esta empestada com suas emanações, enegrecida e pesada pelos fumos de chaminés das fábricas. Uma multidão de mulheres e crianças esfarrapadas vagueiam por estes sítios, tão sujas como os porcos que se

espojam nos montes de resíduos e nos charcos. Em resumo, todo este local oferece um espetáculo tão repugnante como os piores bairros das margens do Irk. A população que vive nestas casas arruinadas, por detrás destas janelas quebradas nas quais foi colocado papel oleoso, e destas portas fendidas com os caixilhos podres, e até nas caves úmidas e sombrias, no meio desta sujidade e deste cheiro inqualificáveis, nesta atmosfera que parece intencionalmente fechada, na verdade deve situar-se no escalão mais baixo da sociedade”. (ENGELS, 1842, p.99)

ENGELS E SEGURANÇA ALIMENTAR

A questão alimentar nas metrópoles que regozijavam um falso prestígio pelo desenvolvimento industrial era responsável, segundo Engels, pelo maior índice mortuário do país. Durante sua estadia na Inglaterra, ele investigou alguns inquéritos que davam como causa-morte direta de 20 a 30 pessoas, a fome. Os alimentos indigestos ingeridos nos ínfimos intervalos da jornada de trabalho que variavam entre 12 e 18 horas produzia indivíduos famélicos desgastados física e moralmente: *“Estes espectros, compridos e magros, de peito estreito e olhos escavados, estes rostos flácidos, incapazes da menor energia (...)”*. (ENGELS, 1842, p. 139)

A falta de alimentos em quantidade e qualidade suficiente serviu como porta de entrada de várias mazelas como a inanição, o raquitismo, a tuberculose e a escarlatina, estas últimas atingindo especialmente crianças. Era evidente também segundo Engels (1842), o consumo de aguardente entre as pessoas de todas as idades. A fome era um flagelo universal que matava a população dos alojamentos silenciosamente, transformando as mais vivas esperanças em medo e violência.

ENGELS E AS EPIDEMIAS

A exposição dos trabalhadores a um ar viciado bastante contaminado pelas chaminés das fábricas e a uma água putrefata acumulada em caves, onde a imundice produzida pelo acumulo de matéria orgânica deixava a condição de vida muito parecida a de uma pocilga, levou os distritos industriais da Inglaterra a um processo assim denominado por Engels, de hecatombe social. Uma epidemia de Tifo matou cerca de aproximadamente 8% da população total em Londres e Liverpool. O número de trabalhadores tísicos e coléricos chegava a quase 100% nas principais cidades da Inglaterra.

ENGELS E A EDUCAÇÃO

Em 1843 o governo britânico quis colocar a aparente idéia de escolaridade obrigatória, o que fez a burguesia industrial e algumas seitas religiosas se oporem impiedosamente; elas temiam a formação intelectual do operário. As escolas noturnas permanecem evasivas; *“seria pedir demasiado aos jovens operários que se estafaram durante doze horas, que ainda fossem nas escolas das 8 às 10 da noite”*. (ENGELS, 1843, p.153).

Houve a tentativa de se organizar cursos aos domingos, algo que fracassou; relatos de algumas comissões de trabalho mostravam a ineficácia deste projeto, no qual o aluno não conseguia de forma alguma associar ou lembrar-se das lições de 8 em 8 dias. Enfim, apesar de esforços do governo, a ignorância reinava no seio do proletariado, o que dificultava sua libertação e conseqüentemente sua luta pela melhoria das condições de vida.

CONCLUSÕES

O trabalho de Engels demonstra, de modo inequívoco, que somente uma abordagem crítica dos problemas de saúde da população pode desvendar as raízes causais desses fenômenos. Trabalhos descritivos e neutros pouco ou nada podem contribuir no pleno entendimento das causas fundamentais desse processo. Trata-se de um trabalho visionário e idealista, a frente de seu tempo, impetuoso e fiel aos seus preceitos ideológicos. A análise dialética se mostra um método imprescindível na análise dos fenômenos sociais, em um mundo ora dominado pelo pensamento conservador e reacionário.

REFERENCIAS

BOYLE, David. **O Manifesto Comunista de Marx e Engels** (trad.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

ENGELS, Friedrich. **A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra** (trad.) São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

KROPOTKIN, Piotr. "O que a Geografia pode ser" (trad.) apud VICENTINI, José W. **GEOCRÍTICA**. Disponível: WWW.geocritica.com.br/ensinohtm Acesso: 22 maio 2009.

MAZETTO, Francisco de A. P. "Pioneiros da Geografia da Saúde: Séculos XVIII, XIX e XX", p. 17- In: BARCELLOS, Christovam (org.) **A Geografia e o Contexto dos Problemas de Saúde**. Rio de Janeiro: ABRASCO, 2008.

RECLUS, Elisée. **A Evolução, a Revolução e o Ideal Anarquista**. São Paulo: Imaginário, 2002.

1 *Político francês* é referência a Paul Vidal de La Blache um geógrafo a serviço dos domínios coloniais do Estado Francês nos séculos XIX e XX.

2 *Sutti*: Sacrifícios de viúvas nas fogueiras de incineração de cadáveres de seus maridos.

3 *Associação Internacional dos Trabalhadores*, também conhecida como I internacional foi um espaço que reuniu proletários, artífices intelectuais para discutir a situação da classe trabalhadora especialmente na europa.

4 *Macrocefalia Urbana*: inchaço das cidades, o que gera déficit de serviços básicos, como saneamento, habitação e etc.